

1

Porque é que no começo das coisas há sempre luz? As memórias mais antigas de Dorrigo Evans eram do sol inundando uma nave de igreja, onde ele estava com a mãe e a avó. A nave de uma igreja de madeira. A luz ofuscante e ele num vaivém trôpego, entre a luz transcendente que lhe dava as boas-vindas e os braços das mulheres. Das mulheres que o amavam. Como se entrasse e saísse num vaivém entre o mar e a praia. Uma e outra vez.

Deus te abençoe, diz a sua mãe amparando-o e deixando-o ir. Deus te abençoe, menino.

Deve ter sido em 1915 ou 1916. Ele teria um ou dois anos. As sombras chegaram mais tarde sob a forma de um braço levantado, com a sua silhueta negra recortada ao alto pela luz oleosa de uma lâmpada de querosene. Jackie Maguire estava sentado na cozinha pequena e escura dos Evans, e chorava. Nesse tempo ninguém chorava, excepto os bebés. Jackie Maguire era um homem velho, que talvez tivesse quarenta anos, talvez mais, e tentava limpar as lágrimas do seu rosto picado pelas bexigas, com as costas da mão. Ou seria com os dedos?

O seu choro foi tudo o que a memória de Dorrigo Evans fixou. Era como que o som de alguma coisa que se partia. O seu ritmo lento lembrava-lhe as patas traseiras de um coelho batendo no chão enquanto uma armadilha o estrangula — o único som semelhante ao de agora que ele alguma vez ouvira. Tinha nove anos, entrara em casa para mostrar à mãe um inchaço sanguinolento no polegar, e não dispunha de muito mais termos de comparação. Até então, só uma vez vira um homem crescido chorar: uma cena espantosa, quando o

seu irmão Tom saíra do comboio, ao regressar da Grande Guerra em França. Arrastara o saco na poeira quente da plataforma, e irrompera bruscamente em lágrimas.

Observando o seu irmão, Dorrigo Evans perguntara-se o que poderia fazer chorar assim um homem crescido. Mais tarde, chorar passou a ser simplesmente uma expressão do sentimento, e o sentimento a única bússola da vida. O sentimento passou a estar na moda, e a emoção tornou-se um teatro em que as pessoas se transformavam em actores que já não sabiam quem eram fora do palco. Dorrigo Evans viveria o suficiente para assistir a todas essas mudanças. E lembrar-se-ia de um tempo em que as pessoas tinham vergonha de chorar. Quando temiam a fraqueza que o choro manifestava. Os problemas que dela resultariam. Viveria o suficiente para ver as pessoas serem elogiadas por coisas que não eram dignas de elogio, simplesmente porque a verdade seria demasiado difícil para os seus sentimentos.

Nessa noite em que Tom voltara para casa, queimaram o Kaiser numa fogueira. Tom não disse uma palavra da guerra, dos alemães, dos gases, dos tanques e das trincheiras, dessas coisas de que eles tinham ouvido falar. Não disse fosse o que fosse. O sentimento de um homem nem sempre é igual ao de toda a gente. Algumas vezes, não é igual a seja que outra coisa for. Tom limitou-se a ficar a ver a fogueira arder.

2

Um homem feliz não tem passado, enquanto um homem infeliz só tem passado e nada mais. Já velho, Dorrigo Evans nunca soube se lera essa conclusão algures ou se fora ele próprio a formá-la. Essa conclusão que o formara, que se combinara nele, que o abatera. Que o abatera sem dó nem piedade. De pedra em cascalho em poeira em lama em pedra e assim era o mundo, como a mãe dele costumava dizer quando lhe perguntava a razão ou uma explicação do facto de o mundo ser isto ou aquilo. O mundo é assim, dizia ela. É assim mesmo, menino. Ele estava a tentar soltar uma pedra de uma massa rochosa para construir uma fortaleza para um jogo que estava a fa-

zer, quando uma outra pedra, maior, lhe caíra em cima do polegar, causando-lhe uma grande contusão lancinante e sanguinolenta que lhe inchava debaixo da unha.

A mãe arrastou Dorrigo até à mesa da cozinha, que a lâmpada iluminava mais fortemente, e, evitando o estranho olhar fixo de Jackie Maguire, examinou à luz o polegar do seu filho. Entre soluços, Jackie Maguire disse umas quantas palavras. A mulher dele tomara na semana anterior o comboio para Launceston, levando consigo o filho mais novo, e não voltara.

A mãe de Dorrigo pegou na sua faca de trinchar. Ao longo do fio da lâmina corria um rasto cremoso de gordura de carneiro coalhada. A mãe poisou a ponta da faca nas brasas do fogão. Um pequeno fio de fumo subiu da lâmina e encheu a cozinha de um cheiro a carneiro esturrado. A mãe retirou das brasas a faca, de cuja ponta acesa ao rubro se desprendia uma poalha brilhante de centelhas de um branco incandescente — uma visão que a Dorrigo pareceu ao mesmo tempo mágica e terrível.

Fica quieto, disse ela, agarrando-lhe a mão com tanta força que o assustou.

Jackie Maguire estava a contar como apanhara o comboio-correio para Launceston e fora à procura da mulher, mas sem ter conseguido encontrá-la onde quer que fosse. Entretanto, Dorrigo Evans observava como a ponta em brasa da faca tocava a sua unha, e esta começava a fumar, enquanto a mãe abria, queimando-a, um orifício na cutícula. Ouvia Jackie Maguire dizer:

Desapareceu da face da terra, Mrs Evans.

E o fumo deu lugar a um pequeno jorro de sangue escuro que lhe saiu do polegar, e a dor do inchaço sanguinolento e o terror da faca de trinchar em brasa dissiparam-se.

Vai-te embora, disse a mãe de Dorrigo, empurrando-o para longe da mesa. Agora, vai-te embora, menino.

Desapareceu!, dissera Jackie Maguire.

Tudo isto era nos dias em que o mundo era grande e em que a ilha da Tasmânia era ainda o mundo. E dos seus muitos confins remotos e esquecidos, poucos eram mais esquecidos e remotos do que Cleveland, o lugar habitado por cerca de quarenta almas onde vivia Dorrigo Evans. Antiga povoação prisional e estação de muda, a aldeia

conhecera tempos difíceis e caíra no olvido, e sobreviviam dela uma estação ferroviária, um punhado de edifícios jorgianos decrépitos e de casas de madeira dispersas, com as suas varandas frontais, abrigo de gente que suportara um século de exílio e de ruína.

Rodeada por bosques de pequenos eucaliptos mentolados de tronco retorcido e de mimosas que o calor fazia dançar e ondular, era uma terra quente e dura no Verão, e dura, simplesmente dura, no Inverno. A electricidade e a rádio ainda não tinham ali chegado, e, na década de 1920, a aldeia dir-se-ia continuar na de 1880 ou 1850. Muitos anos mais tarde, Tom, que não era um homem dado à alegoria, mas talvez impelido, ou assim pensara Dorrigo nesse tempo, pela iminência da sua própria morte e pelo terror que a acompanha — de a vida toda não ser mais do que uma alegoria e de a verdadeira história ser outra que não esta —, diria que aquela terra era o longo Outono de um mundo moribundo.

O seu pai trabalhava na manutenção ferroviária, e a sua família vivia numa pequena casa de tábuas dos Tasmanian Government Railways, situada ao lado da linha. No Verão, quando a água faltava, tinham de a ir buscar ao reservatório que abastecia as locomotivas a vapor, e de a carregar em baldes até casa. Dormiam cobrindo-se com peles de opossums que caçavam com armadilhas, e alimentavam-se sobretudo dos coelhos que apanhavam nos seus laços, dos *wallabies* que matavam a tiro, das batatas que cultivavam e do pão que coziam. O pai, que sobrevivera à depressão de 1890 e vira homens morrer de fome nas ruas de Hobart, não podia acreditar na sorte que o fizera vir acabar os seus dias num paraíso de trabalhadores como aquele. Nos seus momentos menos optimistas, dizia também: “Vive-se como um cão e morre-se como um cão.”

Dorrigo Evans conhecia Jackie Maguire dos dias de férias que de vez em quando partilhava com Tom. Para ir até casa de Tom, apanhava boleia na carroça de carga de Joe Pike, de Cleveland até ao desvio para Fingal Valley. Enquanto o velho cavalo de tiro, a que Joe Pike chamava *Gracie*, trotava amenamente, Dorrigo, balouçando para trás e para diante, imaginava-se transformado no ramo estranhamente agitado de um desses eucaliptos mentolados que se recortavam e dançavam contra o grande céu azul lá em cima. Sentia o cheiro das cascas de árvore húmidas e das folhas secas e observava os clãs de

periquitos almiscarados verdes e vermelhos que, empoleirados muito alto, faziam ouvir os seus cacarejos. Bebia o cantar das carriças e dos beija-flores, o estalido dos seus apelos jocosos, pontuados pelo passo firme de *Gracie* e pelo tilintar e o ranger dos arreios, dos varais e das correntes de ferro da carroça, todo um universo de sensações que regressavam em sonhos.

Seguiam ao longo dos trilhos da velha estrada, deixavam para trás a estalagem de muda que o caminho-de-ferro pusera fora de serviço, e era agora uma quase ruína degradada onde viviam várias famílias pobres, entre as quais a de Jackie Maguire. De tantos em tantos dias, uma nuvem de poeira anunciava a chegada de um veículo motorizado, e os miúdos irrompiam de trás dos arbustos e da estalagem de muda e perseguiram a ruidosa nuvem até onde o fôlego dos pulmões e a força das pernas lhes permitiam correr.

No desvio de Fingal Valley, Dorrigo Evans apeava-se, acenava um adeus a Joe e a *Gracie*, e começava a andar na direcção de Llewellyn, uma povoação que se distinguia principalmente por ser ainda mais pequena do que Cleveland. Chegado a Llewellyn, viraria para nordeste através das cercas e, orientando-se pelo grande maciço coroado de neve de Ben Lomond, avançava por entre o mato na direcção do campo de neve que ficava atrás do Ben, onde Tom trabalhava duas semanas, para na terceira se ocupar de montar armadilhas aos oposuns. A meio da tarde chegava a casa de Tom, uma gruta anichada num cotovelo protegido por uma crista. A gruta era ligeiramente mais pequena do que o telheiro da cozinha de Cleveland, e até mesmo na parte onde o tecto era mais alto, Tom tinha de inclinar a cabeça quando estava de pé. O recinto estreitava nos dois extremos, como a casca de um ovo, e a entrada tinha a protegê-la uma espécie de pala, o que permitia que ali ardesse durante toda a noite uma fogueira, que aquecia o interior da gruta.

De vez em quando, Tom, que estava então nos primeiros anos da casa dos vinte, tinha ali a trabalhar com ele Jackie Maguire. Tom, senhor de uma boa voz, cantava com frequência uma ou duas canções ao serão. A seguir, à luz do lume, Dorrigo lia em voz alta alguns velhos *Bulletins* e *Smith's Weeklys*, que formavam a biblioteca dos dois caçadores de oposuns, a Jackie Maguire, que não sabia ler, e a Tom, que dizia que sabia. Gostavam de ouvir Dorrigo ler a coluna de con-